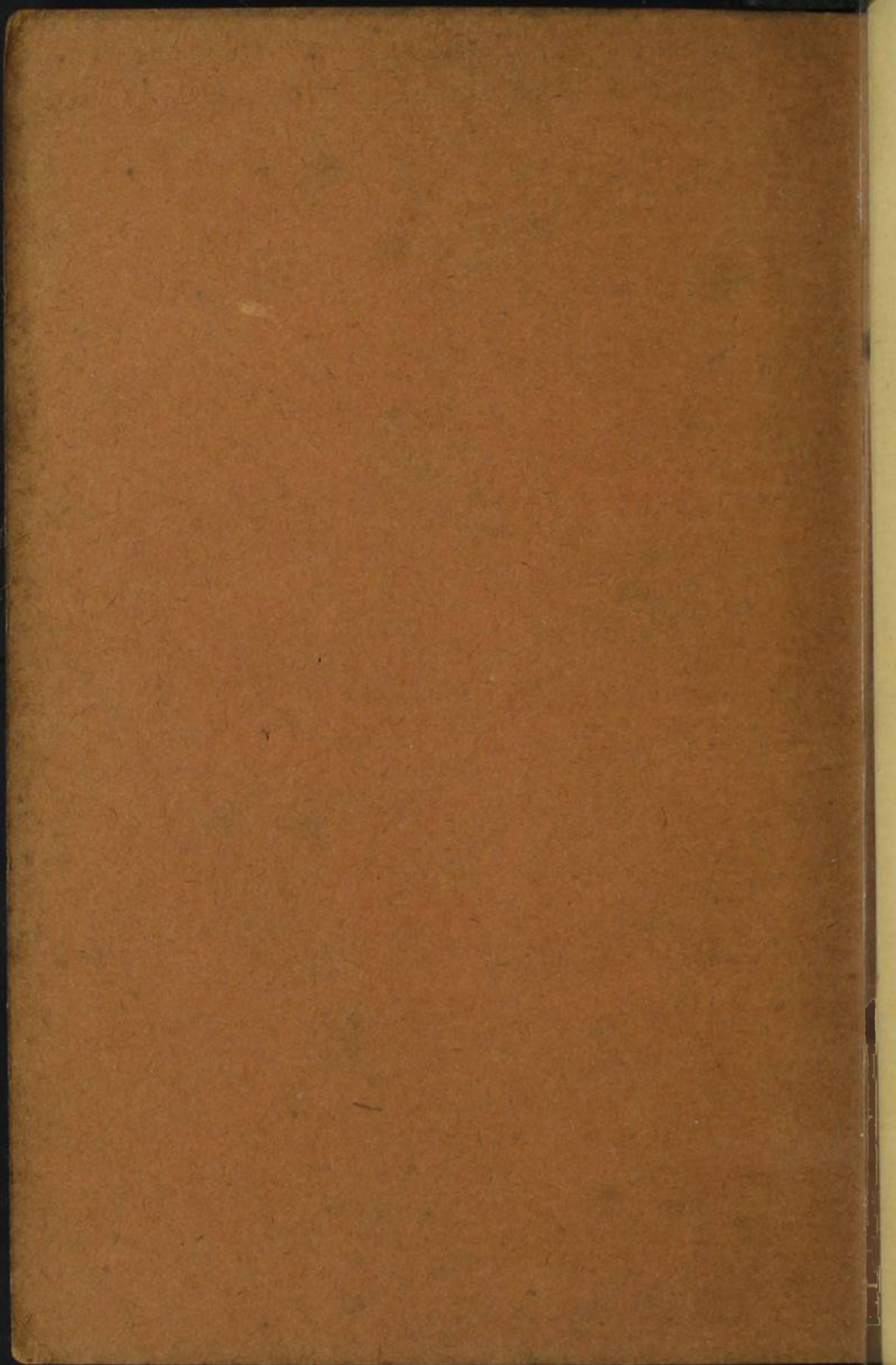


Goethe

Canção

de

Mignon



P
8705

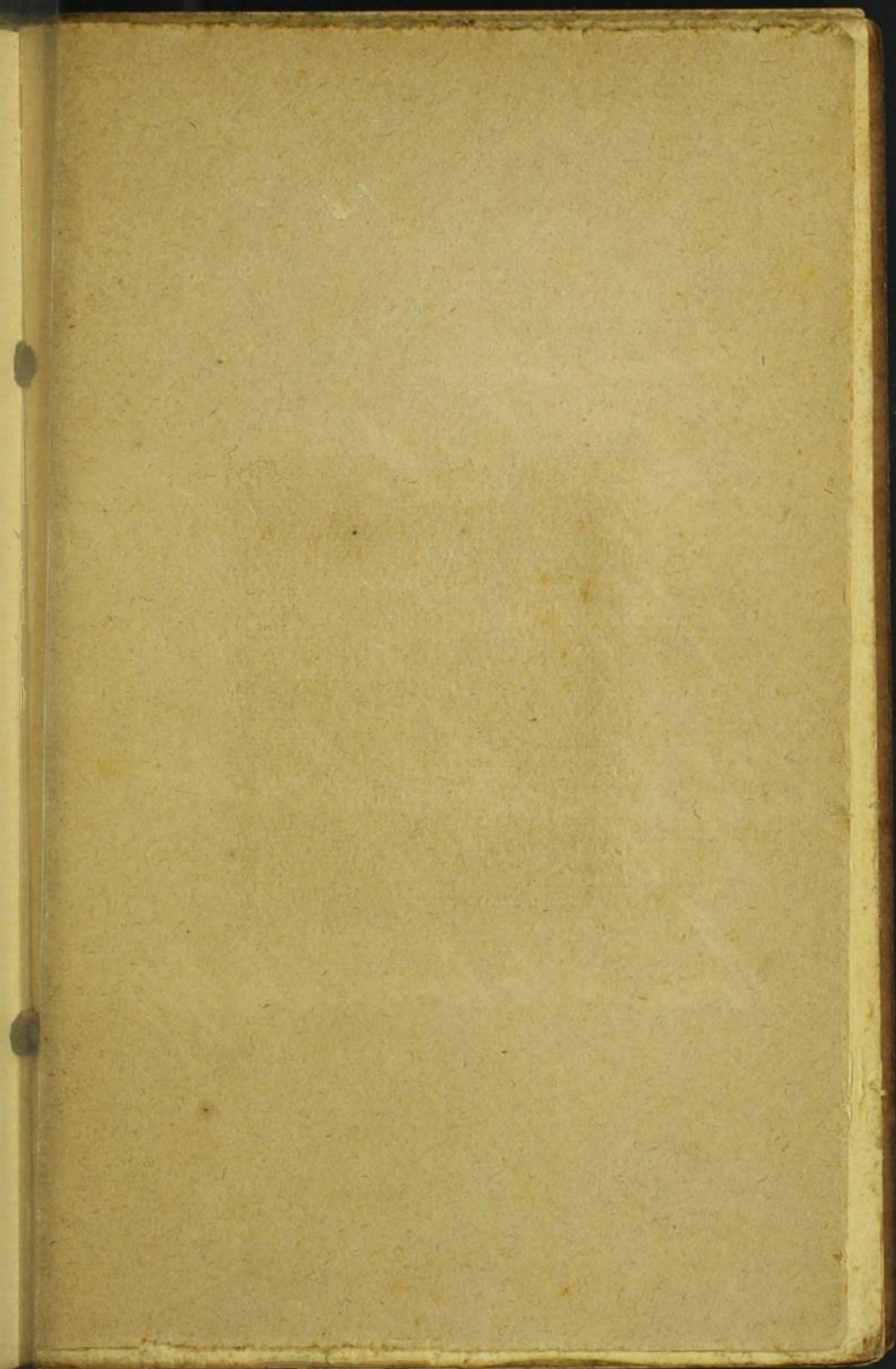
Ao caro amigo

Henrique Coelho,

afetuosamente,

Carlos Magalhães de Azeredo

Roma. 5 de Fevereiro de 1907.





Goethe

Canção de Mignon

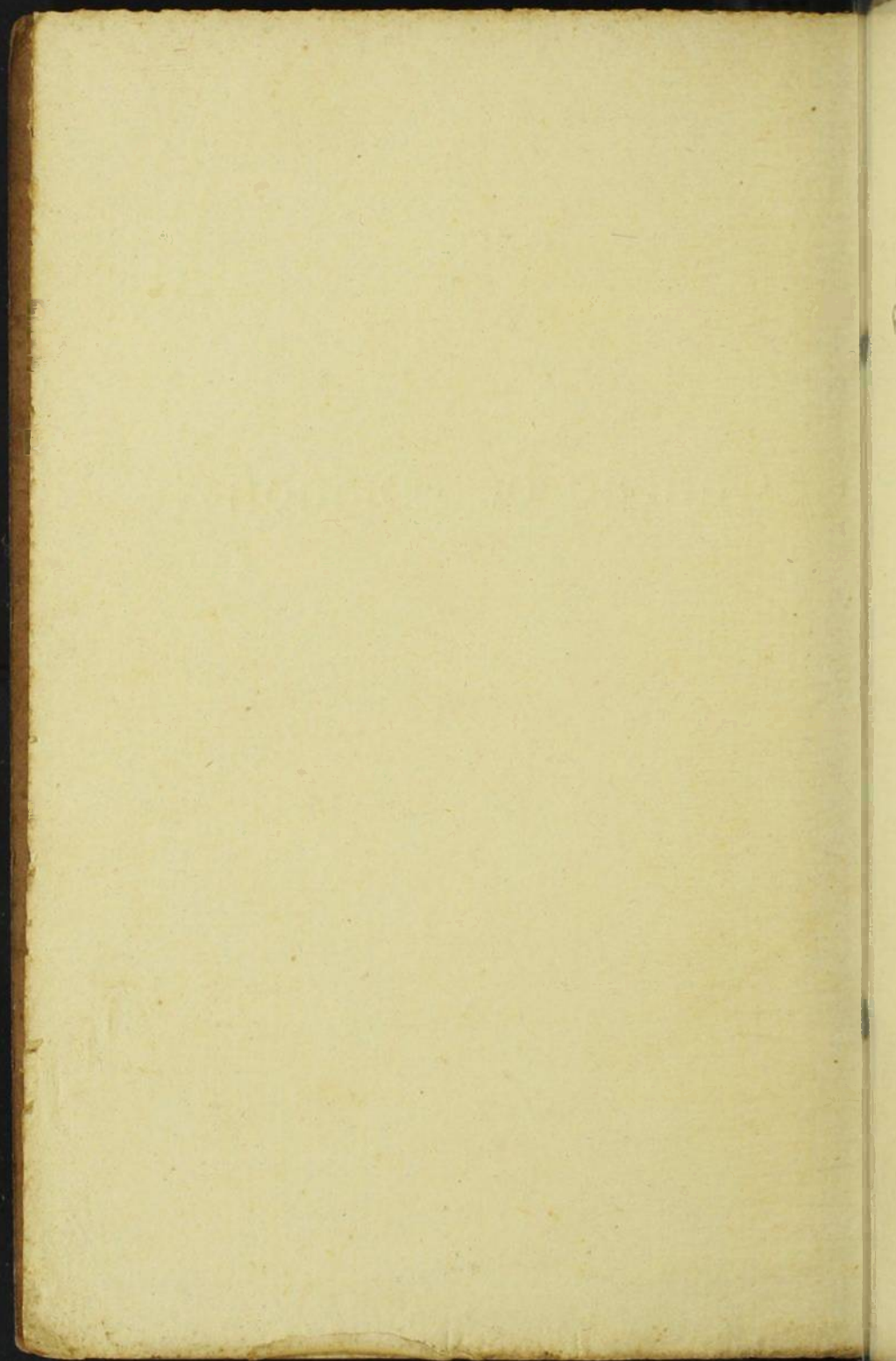
Tradução de

Carlos Magalhães de Azeredo

ROMA

F. Centenari & C. = Tipógrafos

1906





A deliciosa "Canção de Mignon", uma das poesias mais populares de Goethe, está, como muitas outras, emoldurada na prosa do seu romance "Wilhelm Meister". A figura entre infantil e juvenil da rapariguinha roubada ao palácio da sua nobre família, e constrangida a seguir a existência errante, aventureira, da companhia de saltimbancos commandada pelo "Grão=Diabo", até que o bom coração do protagonista a libertou do seu duro captivo, tem para nós um interesse raro, uma fascinação singular e enigmática, entre todos os tipos que

o Poeta creou no seu livro, cheio de observações argutas e de episodios magistralmente narrados, mas por vezes prolixo, extravagante, e confuso.

Ha em "Mignon", com a belleza exótica da fisionomia e dos gestos, algo vago, nebuloso, que nos leva suavemente o espirito para uma das suas volupias predilectas: a de sonbar, e completar pelo sonho o proprio retrato, o proprio fadario d'ella... Doce victima predestinada, alma ardente e absoluta num corpinho debil e numa condição miseravel, habituada ao soffrimento trágico de cada dia pelo exilio e pela escravidão abjecta; um amor, chinérico e absurdo para o commum da gente, e tanto mais sublime por isso, exaltou nella até o paroxismo todas as faculdades da dor; o incendio interno devorou-lhe a seiva da vida, e o choque brutal do ciume, ante a ingratição inconsciente e feliz do amado (uma das fieis personificações, parece, do Poeta olimpico), acabou de despedaçar essa pobre jaulasimba de carne, em que a cotovia selvagem do seu coração agonizava cantando...

A patria de "Mignon", a terra ideal a que se referem os versos, todos sabem que é a Italia. Goethe ainda a não visitara quando os escreveu; mas já a conhecia pela imaginação, e sentia um agudo desejo de abraçá-la na realidade com todos os laços do seu ser. Tão agudo que, como elle conta nas suas "Memórias", se tornou pouco a pouco em obsessão, em idéa fixa, até que enfim elle comprehendeu que adoeceria ou enlouqueceria se o não satisfizesse logo, e partiu a toda a pressa para a Italia. Tão agudo que a "Canção", escrita justamente nessa época, liga na mesma intensidade a aspiração presente com a saudade futura...

As estrofes são gentilissimas, nos tres pequenos quadros perfectos que nos apresentam; e têm ao mesmo tempo contornos vaporosos, caprichosos, como o proprio vulto esquivo de "Mignon"; dizem mais do que nellas está escrito, suggerem visões profundas nos longes da sua perspectiva, abrem aos olhos horizontes indefinidos de scisma; e a sua vibração se prolonga no espirito muito alem das suas pala-

bras, quer leiamos simplesmente o texto da "Canção", quer ouçamos a interpretação vebe-mente que d'ella (já tão musical em si mesma) deu Beethoven em "Sechs Gesaenge von Goethe", ou a aria, tão famosa e tão bella, de Ambroise Thomas, na ópera a que poz o nome da dolorosa, divina creatura.



Canção de Mignon

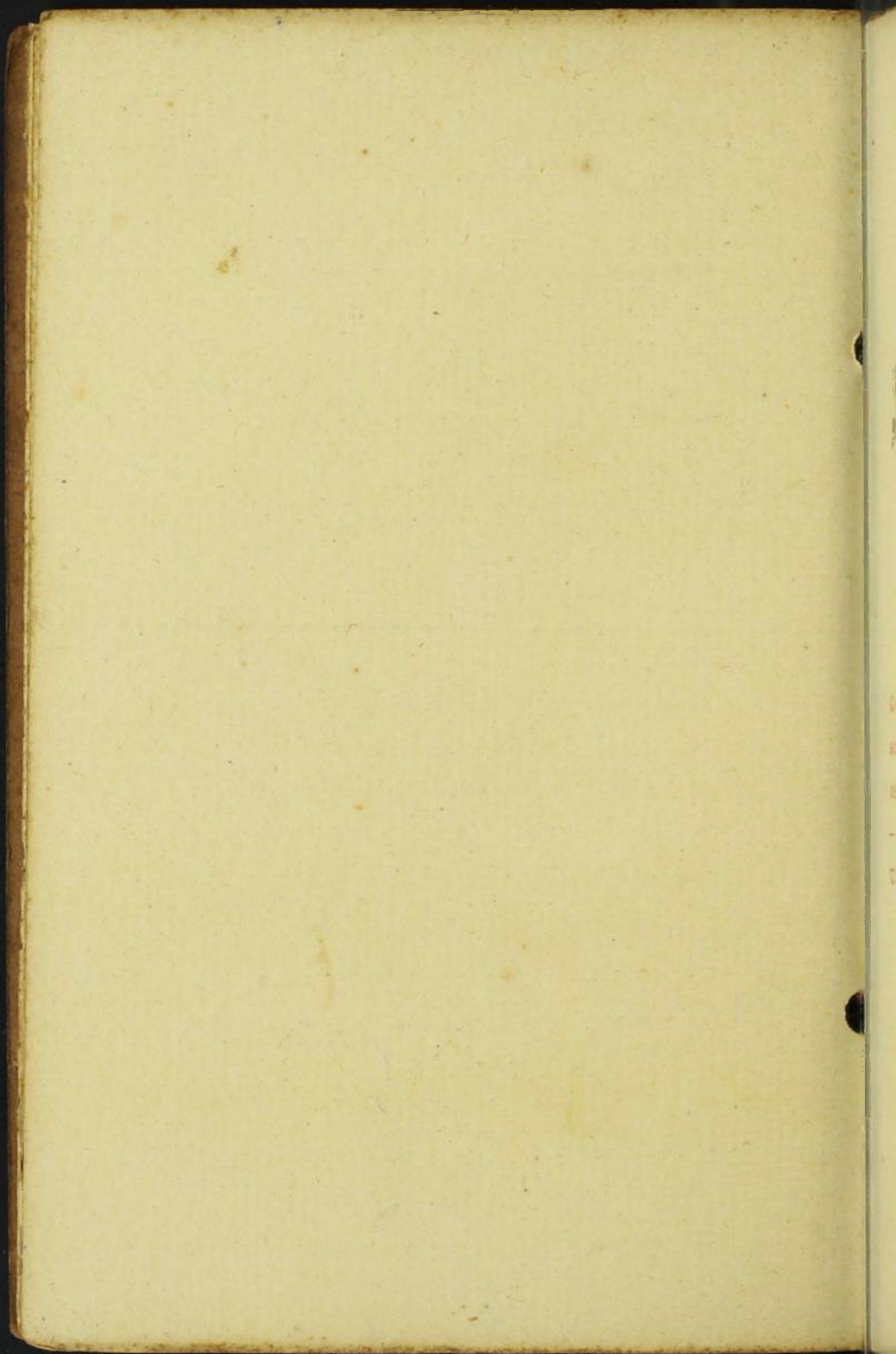


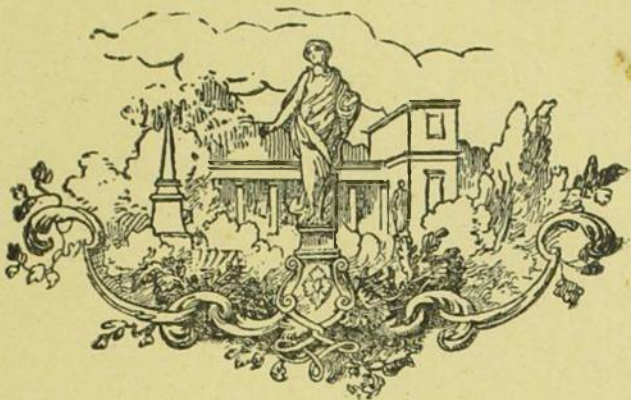


1.

Conheces tu a terra onde os limões florescem ?
Na rama escura brilha o ouro do laranjal ;
docemente do ceu azul as brisas descem ;
modesto o mirto se une ao louro triunfal.
Tu a conheces bem ? Lá, sim, lá, meu amado,
quizerá eu ir, levando-te a meu lado !







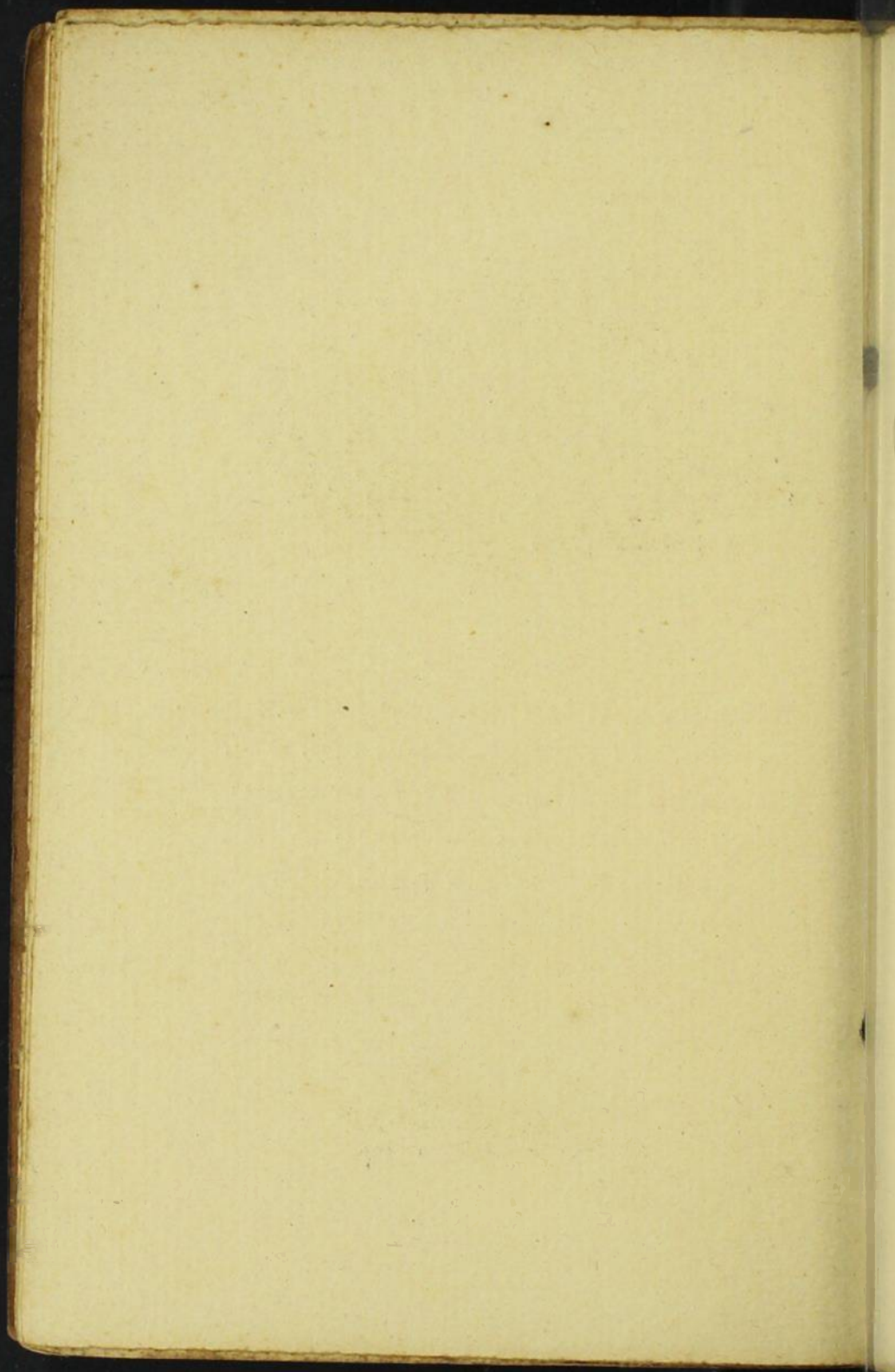
2.

Conheces a casa? Ouve! As columnas seguram
seu tecto. Ha luz na alcova. O salão fulge. E ali,
as estatuas, fitando em mim o olhar, murmuram:

— Criancinha infeliz, que fizeram de ti?

Tu a conheces bem? Lá, sim, lá, meu amado,
quizera eu ir, levando-te a meu lado!



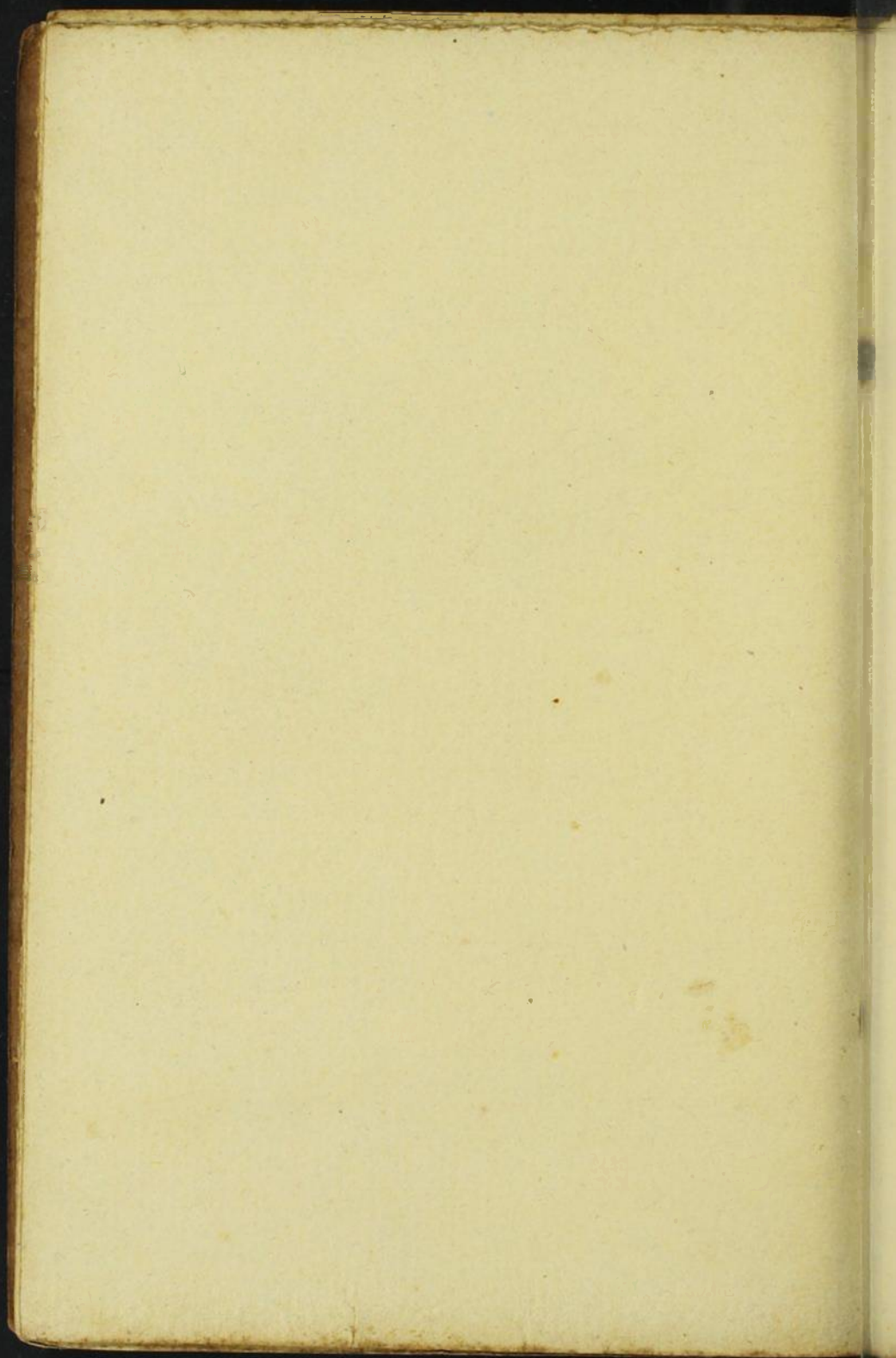




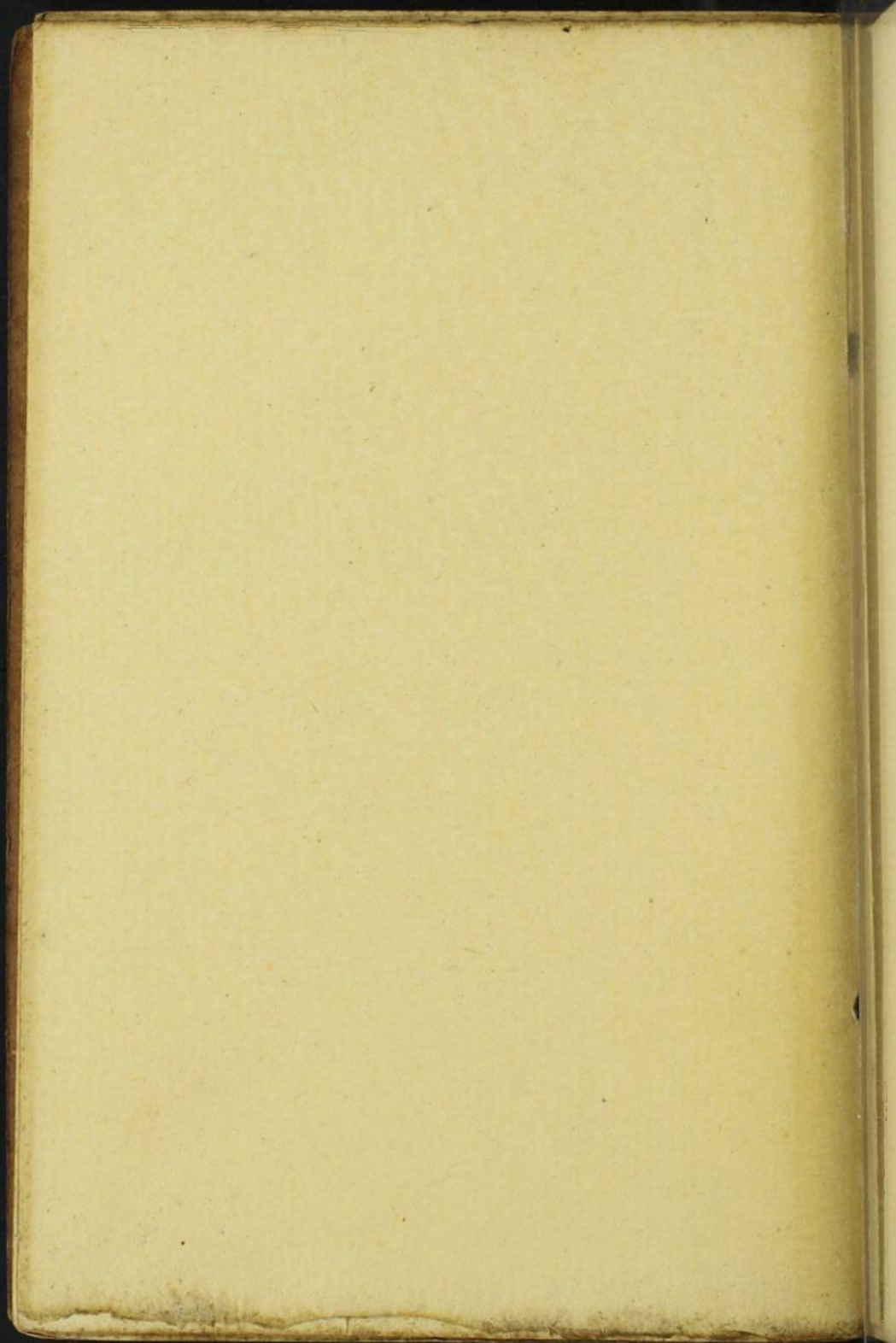
3.

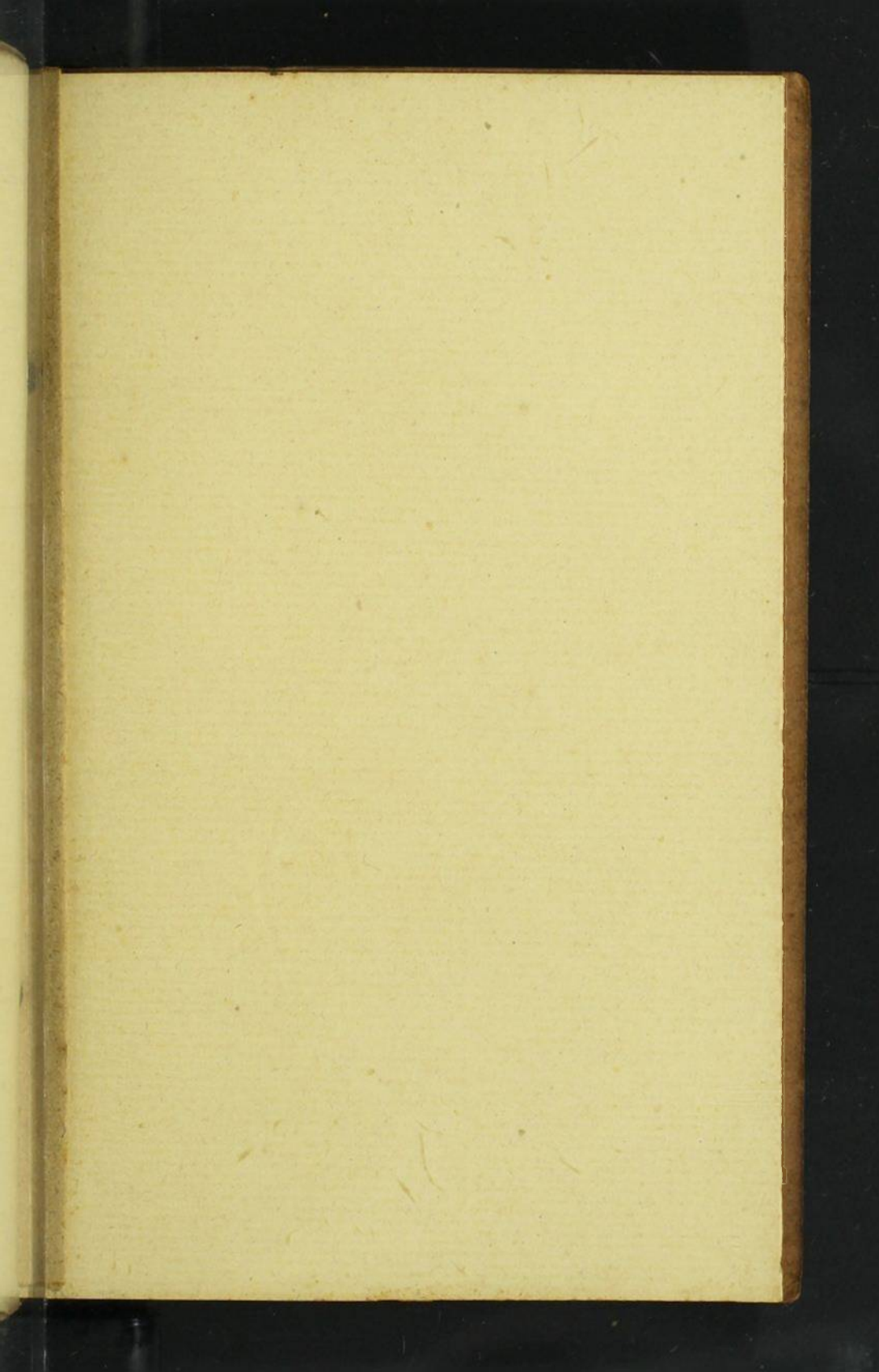
Conheces a montanha? Ali, por dubios trilhos,
entre as nuvens a mula a custo andando vai;
nas grutas ha dragões, de antiga raça filhos;
rola a torrente a pique entre as rochas, e cai.
Tu a conheces bem? Vai lá o rumo tomado
por nós... Partamos, pai, meu pai amado!





Acabado de imprimir
a 12 de julho de 1906
em Roma.
Com desenhos
de G. Cellini.





17555

